



BAREBACKING, INTERNET E VIDEOLOGS: DO USO DOS PRAZERES E DO CUIDADO DE SI AO DISPOSITIVO DA INTIMIDADE

Paulo Sergio Rodrigues de Paula ¹
Mara Coelho de Souza Lago ²

Barebacking sex

Barebacking é um termo de origem Inglesa, que denomina um estilo de montar um cavalo sem o uso da sela e tem sido usado para descrever o envolvimento de intencional, deliberado e consciente, relações sexuais sem usar preservativo, com risco de contrair HIV. Além de o termo barebacking ser popularmente usado nos Estados Unidos para descrever sexo sem camisinha, ele também é empregado para designar a subcultura de homens que freqüentam festas, clubes de sexo, saunas, dark-rooms, web sites, que crescentemente adotam identidades focadas na emoção de fazer sexo sem preservativo (Paula, 2010).

Dada à relação direta com o risco de contrair o vírus HIV, que no imaginário popular está diretamente relacionado à morte, o barebacking praticado por homens homossexuais é controverso dentro e fora da comunidade gay. Alguns condenam o barebacking e barebackers porque acreditam que a prática tem causado infecção entre jovens e sua divulgação traz uma publicidade negativa para a comunidade homossexual, outros condenam por acharem seus praticantes promíscuos e irresponsáveis. Entretanto, apesar da polêmica e das controvérsias, a prática sexual bareback tem se tornado assunto de interesse da mídia e também de pesquisadores, que tem se debruçado sobre tema a fim de encontrar as causas e possíveis soluções para o fenômeno. Entretanto, cabe ressaltar que a intenção neste trabalho não é associar barebacking sex a Internet, mas sim sinalizar como se constituíram alguns enunciados sobre barebacking em comentários postados pelos internautas, já que o assunto tem despertado interesse e sendo objeto de postagens em inúmeros blogs.

Internet, blogs e videologs

A Internet representa hoje um dos maiores e mais abrangentes campos para produção, divulgação e comercialização de pornografia. Para imagens amadoras, a importância da Internet é

¹ Mestre em Psicologia. Pesquisador no Grupo Margens/UFSC. E-mail: sergiorodrigues@gmail.com

² Doutora em Psicologia da Educação. Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, atuando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH. E-mail: maralago7@gmail.com



ainda mais significativa, uma vez que videologs especializados em pornografia disponibilizam, gratuitamente, filmes e imagens, produzidos e postados pelos internautas. Assim sendo, não é de se admirar que a internet seja atualmente um dos locais onde o barebacking sex tem encontrado maior respaldo e repercussão, ou seja, a internet se configura como um campo que propiciou e propicia a esta e outras práticas ‘marginais’ uma visibilidade inimaginável até pouco tempo atrás, visibilidade esta propiciada tanto pelos ‘novos’ aparelhos de tecnologias de informação, quanto pelas ordens discursivas estabelecidas.

No Brasil, de acordo com dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) existem aproximadamente 160 milhões de aparelhos celulares em uso, sendo o país o sexto maior mercado do mundo em telefonia celular (www.anatel.gov.br). Quanto à Internet, segundo o Ibope, dados de março de 2009 mostram que existem 62,3 milhões de brasileiros com acesso à internet em todos os ambientes, incluindo, além de residências, o local de trabalho, os pontos públicos pagos e os gratuitos, como *lan houses*, escolas, bibliotecas, tele-centros.

Nos últimos anos temos acompanhado uma explosão de criação e aperfeiçoamento de equipamentos digitais de informação que, aliados à internet, têm provocado não apenas uma revolução informacional, mas também uma revolução no modo de configuração das relações sociais e pessoais, com implicações significativas no modo de se viver e se pensar o público e o privado. Christine Hine (1988) vê a Internet como um contexto social e como um artefato cultural, e propõe investigar não somente como as pessoas utilizam a Internet, mas também as práticas que tornam os usos da Internet significativos.

Esta combinação entre Internet e revolução da tecnologia digital, produz aparelhos cada vez mais multifuncionais (telefones, filmadoras, câmeras digitais), com recursos que permitem armazenamento de grandes quantidades de arquivos em seus gigabytes³. Desse modo, além da infinidade de criação e veiculação de produtos imagéticos, esta combinação “possibilita uma inédita democratização no campo da produção e do compartilhamento de imagens” (Cardoso, 2009, p. 156).

Deste modo, através de sites de relacionamentos como *Orkut*, *Face Book*, de *weblogs* dos mais diversos, de sites de compartilhamento de vídeos como o *You Tube*, *Porno Tube*, imagens fotográficas e cenas amadoras podem ser compartilhadas por milhões de pessoas em todo mundo,

³ Gigabytes são unidades de medidas como Kilômetro, Litro, Grama. O giga é usado para se medir a memória de um aparelho, sendo que memória é toda a informação que se tem em um aparelho, o byte é a unidade primária de medida de um aparelho de memória. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Byte>>



poucos segundos após terem sido capturadas, bastando para isso que o sujeito tenha na mão um aparelho de celular e acesso a Internet.

Informação da Wikipédia⁴ diz que o termo *weblog* surgiu em 1997, nos Estados Unidos quando Jorn Barger utilizou a palavra para designar seu site, uma home page pessoal caracterizado por uma coleção de comentários com links para outras páginas da internet, que terminava com uma seção na qual o autor mantinha um diário. O termo *blog* foi cunhado posteriormente por Peter Merrholz, fundador da *Adaptive Path's*, uma empresa de inovação e pesquisas no campo da Internet.

As grandes vantagens apresentadas pelos blogs estão relacionadas à sua fácil utilização, não sendo necessário ter grande conhecimento técnico; sua linguagem simples e a velocidade com que os textos, ao serem criados, podem ser postados e atualizados. Segundo Guilherme Mattoso (2003) os blogs podem ser classificados em duas categorias: a de entretenimento, que possui características de diários pessoais e a de informação, caracterizado por elementos jornalísticos. Além disso, segundo o autor, a terminologia *blog* possui quatro acepções fortemente vinculadas entre si: coleção de links com comentários, diários *on line*, *home page* pessoal na internet e página na internet disposta em ordem cronológica.

Segundo Maria Regina Oliveira (2004), quando surgiram, os blogs foram muito utilizados pelos adolescentes como *ciberdiários*, como também são conhecidos, constituindo-se numa

[...] ferramenta digital que propicia um espaço na internet para que seus usuários a utilizem como uma forma de expressão aberta, de temática livre e de atualização freqüente. Tornaram-se um espaço garantido de expressão pública (...) um campo de interdiscursividades e de intertextualidades em todos os sentidos⁵

Ieda Tucherman (2007) considera que os blogs funcionam como uma técnica de si, na qual, por meio da escrita, é possível o sujeito encontrar seus pares e compreender o que são, já que os discursos produzidos subjetivamente trazem à tona conteúdos que nem sempre são abordados no dia a dia, constituindo-se assim em jogos da verdade (Foucault, 1992) e Daniel Ruoso (2006) diz que o

⁴ Wikipédia é uma enciclopédia multilíngüe online livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações. Esta possibilidade de modificação tem gerado certa desconfiança de professores universitários em relação sua utilização em trabalhos acadêmicos. A revista *Nature*, publicou o resultado de um estudo, em que se comparou e analisou o conteúdo de várias categorias contidas na Wikipédia e na tradicional Enciclopédia Britânica. Concluiu-se que a maior diferença entre as duas é a forma como são redigidas, além do valor que se paga para obter informações da Enciclopédia Britânica. A pesquisa definiu a Wikipédia como tão confiável quanto a Enciclopédia Britânica. In: VIEIRA, Marli Vick; CRISTOFOLETTI, Rogério. *Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar*. Itajaí: Univali, 2008. Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Jorn_Barger >

⁵ OLIVEIRA, M. R. M. *Weblogs: a exposição da subjetividade adolescente*. In: SARGENTINI, Vanice & Pedro NAVARRO-BARBOSA (org.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem - discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Clara Luz Editora, 2004. p. 201-202.



ciberespaço, por se constituir num espaço de sociabilidade, gera modos de relações sociais com códigos e estruturas peculiares, mas não necessariamente inéditas, ou seja, as condições do tempo e do espaço virtual seriam adaptações de formas conhecidas de temporalidades e espacialidades.

Já para Mattoso a questão é muito mais complexa, pois acredita que os blogs irão ter tanto destaque que a visão como ciberdiários ou confidências abertas tendem a se tornar estigmatizadas, e estes rótulos virão abaixo quando se perceber que “pode ir muito além dos desfiles de egos, criando arte, literatura, humor, jornalismo... a lista é infundável e as opções só dependem da criatividade e qualidade que cada um pode exprimir e canalizar para a tela do computador” (Mattoso, 2003, p.27).

Corpus, posts

Os *posts* que compõem o corpus desta análise foram extraídos do blog “morenos1972.blogspot.com.br”, e se referem a um videolog caseiro com cenas bareback. Teoricamente poderia ser utilizado qualquer blog com cenas barebacking, entretanto, este foi escolhido por ser o mais visitado pelos internautas do site de relacionamentos ‘disponivel.com’, e a partir deste site, migram para o blog acima descrito.

A escolha de um videolog se justifica por três motivos, a saber: Sites de *weblogs* possuem ferramentas que facilitam as buscas dos internautas, sendo a maioria penal o único pré-requisito para se efetuar o registro, ter perfil publicado, acesso ao conteúdo. Uma vez cadastrado, o internauta é livre para consumir aquilo que lhe interessa, podendo fazer download ou vê-lo on-line, com ausência de qualquer tipo de constrangimento; o *videolog* é uma evolução do *weblog* e nesse sentido, os filmes passam a substituir e/ou complementar a produção de textos que gerarão discussão entre os internautas. No videolog, as letras são normalmente substituídas por imagens; os blogueiros do “morenos1972” não postam textos sobre barebacking, eles praticam bareback, disponibilizam o ato aos internautas e aguardam as repercussões; apesar da grande quantidade de *weblogs* sobre o tema barebacking, no contexto brasileiro não foi encontrado nenhum cujo blogueiro se assumisse como barebacker. Isso implica em dizer que os *weblogs* apenas reproduzem matérias já divulgadas por outros veículos de comunicação, indo de encontro ao que foi dito por Foucault, ou seja, que onde existe multiplicação de discursos pode haver presença menor de novos enunciados.

Uso dos prazeres, cuidado de si, dispositivo da intimidade



Na obra *O uso dos prazeres* (2007a), Foucault apresenta o resultado dos estudos a respeito das tecnologias de si, desde a Antiguidade Clássica até os primeiros séculos do cristianismo, em textos que prescrevem estratégias relacionadas ao uso dos prazeres, onde propõe

[...] analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos do desejo, estabelecendo de si para consigo certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade do seu ser, seja ele natural ou decaído. (FOUCAULT, 2007a, p. 11).

Neste contexto, importa a questão do sujeito em relação com a sua ética, constituindo-se através das práticas de si, ou seja, a questão central é saber como o indivíduo constitui a si mesmo, como um sujeito moral de suas próprias ações na relação de si para consigo. Para tanto, Foucault efetua um deslocamento do eixo teórico do poder, substituindo o conceito de poder pelo de governo, tornando possível a temática do governo de si, objetivando dar voz à resistência e manter o poder sobre controle. Foucault justifica este deslocamento dizendo [...] gostaria de mostrar, agora, de que maneira, na Antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através de práticas de si, pondo em jogo os critérios de uma ‘estética da existência’ (Foucault, 2007a, p. 16).

Foucault reflete sobre a ambigüidade da palavra moral, priorizando a discussão sobre a moral como “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos” que, por serem transmitidas de forma difusa, permitem escapatórias e anulação de certos pontos, e cujo conjunto prescritivo pode-se chamar de código moral. A moral foi tomada por ele como um “comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos”, ou seja, modos como os sujeitos se submetem, obedecem ou resistem, respeitam ou negligenciam certas prescrições (Foucault, 2007a, p.26).

A moral na Antiguidade Greco- Romana se orientava para a prática de si e não se dirigia para a codificação das condutas, nem para interdições quanto às relações. Nesse sentido, o conteúdo da lei tornava-se menos importante do que as atitudes que se destinavam a respeitá-las, sendo fundamental “[...] Não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, (...) permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si e pela soberania de si sobre si mesmo” (Foucault, 2007 a, p.30).

Para Foucault, o modo do indivíduo se constituir como sujeito moral dependia da relação consigo, pois o sujeito livre podia e devia ocupar-se consigo transformar-se, voltar-se para si, submeter-se a privações, meditar, anotar seus pensamentos. Chamada por Foucault de escrita *etho-poiética* (2001a), essa escrita de si era, também, uma forma de constituição do eu, ou seja, o eu nasceria a partir da escrita e do que se diz. Estas formas de escrita de si estariam representadas pelas



correspondências e pelo *hupomnêmatas*. As correspondências seriam cartas endereçadas a um mestre, eram escritas para outro, já os *hupomnêmatas* seriam cadernos pessoais contendo citações, fragmentos de obras, exemplos morais, pequenos pensamentos e reflexões, cuja escrita constituía o si através da apropriação. A prática de si levaria à obtenção de condutas sábias, tornando o sujeito apto a conhecer, aceitar ou rejeitar representações, num exercício de liberdade.

Pode-se dizer que alguns blogs possuem características das duas formas de escrita *etho-poietica*, pois articulam elementos da escrita para o outro e da escrita para si. Serve para que os sujeitos possam colocar seus sentimentos à mostra, tornando possível assumir-se num mundo virtual.

Seguem abaixo, alguns enunciados postados pelos internautas após assistirem um vídeo caseiro com cenas barebacking

Não sou a favor do bareback, mas existe uma frase que diz: 'Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é'. Ninguém aqui eh menino pra dizer que nao sabe que sexo sem camisinha é porta aberta pra AIDS. Acho que todos aqui sabem como se pega HIV. Se fazem sem camisinha eh pq s abem o risco que correm!!!. (sic). João Paulo (MORENOS1972, 2009).

Em relação à correspondência, não é possível considerar o blog como uma carta endereçada a um mestre, como no regime grego-romano, mas sim, uma 'carta diário', ou melhor, um 'vídeo diário' sobre si, aberto, sem a figura do mestre, mas sujeito ao julgamento de muitos, pois existe a livre expressão, que proporciona o retorno de opiniões e de comentários, tanto daquele que fazia o papel de mestre quanto daquele que julgaria as ações como sacerdote

Nao sou barebacker.. Mas vamos deixar a hipocrisia d elado ..l quem aqui nunca transou l evz na vida sem camisinha ? Vamos deixar o moralismo e o puritanismo d elado ..e me digam Quem nunca fez um oral sem camisinha...O grande problema da população brasileira nao eh nem a falata d e camisinha no ato sexual...Eh o falso moralismo e a hipocrisia alheia .. Adoram sentar e lascar o pau nos outros sem olhar o proprio rabo ...Nunca transei com os meninos .. Mas se eles fazem sem camisinha eh pq seus parceiros tb permitem. Pois uma pessoa que tem personalidade e diz : " Sem camisinha não quero ." Não há forçação q ue obrigue essa pessoa a praticar o bareback. (sic). Anônimo. (MORENOS1972, 2009).

No *weblog* é possível que o sujeito se apresente a vários outros, conhecidos e desconhecidos e através dos *posts*, perceber se tem aprovação ou reprovação na forma como se mostra

[...] dow graças a deus eu ja tive relação com eles mas foi tudo com camisinha sexo bem seguro ser eu tivesse visto esses videos deles sem camisinha nao iria fazer msm com camisinha ainda bem que correu tudo bem a camisinha nao estourou eu iria está muito desesperado hoje em dia ser eu tivesse feito sem camisinha ,isso servi de ex:pra mim conhecer bem as pessoas antes de fazer sexo msm com camisinha porque pode ocorrer alguns imprevistos, esse video esta na cara que eles estao contaminados e passando ele coloca no cara o esperma, cuidado ser vcs estiver msm com essa doença e crime fica passando ok.(sic). Anônimo. (MORENOS1972, 2009).



Como podemos perceber nesses comentários, embora os enunciados dos internautas concentram-se em apenas um ponto, ou seja, sobre bareback, os mesmos são marcados por opiniões heterogêneas: defesas, condenações, resignações e até confissões, como nos antigos diários. Como diz Foucault (2007c, p. 9) “não se tem o direito de dizer tudo, (...) não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Assim sendo, estes enunciados se tornaram possíveis, porque foram criadas condições para sua existência, pois

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2007c, p.8-9).

Desta forma, nos blogs, os sujeitos estão investidos de um poder até então inexistente e uma vez nesta rede de poder, é possível dar voz à revolta, ou mesmo tornar presente vozes que se solidarizam com as práticas dos blogueiros.

Segundo Cardoso (2009) ao se romper a barreira da escrita (blogs) para o campo das imagens (videologs), ocorrem deslocamentos que colaboram para um novo tipo de controle social, especificamente contemporâneo, diferente do poder disciplinar estudado por Foucault, um controle fragmentado, indireto e não intencional “de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado” (Deleuze, 1992, p.226, apud Cardoso, 2009, p. 164).

O internauta deixa de ser apenas um leitor para se tornar um voyeur digital e ao mesmo tempo um homem- câmera, vigilante (Cardoso, 2009). Diferentemente do voyeur clássico, o voyeur digital “não precisa se esconder, nem se limita a ver o que o acaso ou a proximidade física permite (...) a tela do computador se torna um passaporte para milhões de fechadura e janelas”; já o homem-câmera é aquele que alimenta os videologs, pois ao estar sempre munidos de câmera, possui um olhar vigilante, cujas imagens por ele captadas são vistas e transformadas em vídeos, “que ao serem carregados (ou *uploadados*), adquirem uma autonomia relativa, passando a não estar em lugar nenhum específico, mas a estar potencialmente em qualquer lugar” (Cardoso, 2009, p. 176).

Retomando a questão da prática bareback em filmes caseiros, postados em *weblogs*, numa tentativa de aproximação com os escritos de Michel Foucault citados anteriormente. Acredito ser pertinente a leitura de Tucherman (2007), que considera a exposição da privacidade propiciada pelos diversos tipos de blogs como resultado de um processo histórico que se iniciou no final do século passado, com os programas de entrevistas (*talk-shows*), com as biografias de celebridades, com o cinema documentário; culminando com os realities-show, como Big Brother Brasil. Segundo a autora, existe hoje uma grande e fatal ironia da vigilância na atual sociedade de controle: o dispositivo de exposição da intimidade.



Ao contrário do dispositivo da vigilância, onde se era visto sem saber quando ou por quem, o dispositivo da intimidade, constitui-se num novo pressuposto de interação social que é o de mostrar-se e fazer-se ver. O dispositivo da intimidade ‘rompe’ com os pressupostos de sujeito moral propostos tanto pela antiguidade clássica, quanto pelo cristianismo, uma vez que “no lugar de se constituírem por uma dobra sobre si mesmo, num processo de interiorização, tornam-se personagens midiáticos, que só existem quando são olhados (...) celebridades efêmeras e destinadas ao imediato esquecimento e substituição” (Tucherman, 2007, p. 117).

Desse modo, concluo que a Internet não deve ser considerada como agente causador/facilitador do bareback. Mas sim, uma recriação do espaço público que promove a disseminação de práticas, saberes, fazeres e reflexões acerca da mistura de fronteiras entre a vida pública e privada que configuram este momento histórico, não apenas explorando novas formas de opinião pública, mas atuando também como um “instrumento para a constante recriação de cada indivíduo que dele participa”, pois através dos discursos em torno das imagens é possível se ter acesso “tanto a diversas formas de olhar, quanto a diferentes maneiras de se utilizar os meios técnicos de reprodução e produção de olhares” (Cardoso, pp.165-163). Vídeos barebacking seriam apenas mais uma dessas possibilidades.

Bibliografia

- CARDOSO, Bruno de Vasconcelos. Voyeurismo Digital: representação e (re) produção imagética do outro no ciberespaço. In: GONÇALVES, Marco Antonio; SCOTT, HEAD. Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2009. p. 154-178.
- FOUCAULT, Michel. Historia da Sexualidade II: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007 a.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural proferida ao assumir a cátedra no Collège de France, em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2007c.
- MATTOSO, Guilherme de Queirós. Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação. 2003. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 30 de junho 2008.
- OLIVEIRA, Maria Regina M.. Weblogs: a exposição da subjetividade adolescente. In: SARGENTINI, Vanice & Pedro NAVARRO-BARBOSA (org.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem - discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Clara Luz Editora, 2004
- PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de, Barebacking sex: a roleta russa da AIDS? Sexualidade, sexo e risco na mídia impressa e na internet. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2010.
- RUOSO, Daniel. (2006). Uma etnografia do virtual. Disponível em: <<http://antropologia.codigolivre.com.br/debian/node7.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2007



TUCHERMAN, Ieda. Michel Foucault, hoje ou ainda: Do dispositivo de vigilância ao dispositivo da intimidade. In: QUEIROZ, Andre; VELASCO e CRUZ Nina. Foucault Hoje? . Rio de Janeiro, Editora Sete Letras, 2009. p.108-118.

RUOSO, Daniel. (2006). Uma etnografia do virtual. Disponível em: <<http://antropologia.codigolivre.com.br/debian/node7.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2007

VIEIRA, Marli Vick; CRISTOFOLETTI, Rogério. Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar. Itajaí: Univali, 2008

Web sites

www.anatel.org.br

<http://morenos1972.blogspot.com/>

<http://www.wikipedia.org/>